

CUNNINGHAM, Loren & ROGERS, J. **Fé e finanças no reino de Deus**. Betânia, 1993. 196p. Resumido por JL em agosto/2001. [Exorta à confiança em Deus na provisão de nossas necessidades. Cheio de testemunhos, é prático e motivador.]

1-3. Já viu um pássaro preocupado? A fé bíblica não é crer em algo que se deseja que aconteça, nem exercitar uma força mental ou espiritual para obtermos o que queremos. A fé bíblica provém de: a) sabermos o que Deus deseja de nós; b) obedecermos às suas ordens; c) confiarmos em que ele fará (à sua maneira e na hora certa) aquilo que nós não conseguimos. Por que viver pela fé? a) para provar que Deus é real, e termos nítida consciência de sua realidade; b) para fortalecer a fé, nos fazendo crescer; c) para ouvir a voz de Deus e conhecer o seu modo de agir (e seu caráter). Quando o Senhor diz alguma coisa, mesmo que tudo dê errado, é ele quem fará o que disse.

4-5. Deus e o dinheiro: a riqueza em si não é um mal, embora o amor a ela o seja (1Tm 6.10). O dinheiro assume a cor do coração de quem o possui. Deus usa a presença e a falta do dinheiro para que se exponha o que há em nosso coração. A maneira como utilizamos cada quantia que Deus coloca em nossas mãos revela nosso caráter e nos ensina a confiar nele. Satanás controla os homens por meio da ganância, tentando se apossar de todo o comércio da terra. Sede de poder, orgulho, medo e insegurança financeira são seus instrumentos para escravizar os homens. A lei básica do reino de Deus é dar e receber. A generosidade abala o domínio que Satanás exerce sobre o mundo, rompendo a teia da ganância. Servindo, exercendo humildade e nobreza, derrotamos a manipulação e o orgulho. A mais poderosa arma que podemos usar contra o diabo é nossa rendição pessoal a Deus e obediência irrestrita ao Senhor. Dar uma contribuição em obediência a Deus é um ato de guerra espiritual. Não importa a quantia, o que vale é a atitude. Contribuir sacrificialmente nos leva ao ponto de confiarmos em Deus para o suprimento de nossas necessidades.

6. Como evitar um desastre: a) não se preocupe com dinheiro (Mt 6.25-34), pois se preocupar é crer no diabo e só leva a atitudes negativas e erros; b) acerte as prioridades, buscando primeiro o reino de Deus; c) seja diligente e responsável (Pv 12.4), trabalhando seis dias e descansando um; d) faça investimentos e os veja frutificarem; e) seja generoso, demonstrando amor e gratidão ao Senhor. Sempre que alguém precisa de dinheiro, pergunte ao Senhor se deve ajudar e quanto deve dar.

7-8. O plano econômico de Deus: a Bíblia menciona quatro meios de receber sustento: a) assalariados; b) pobres e necessitados (Lv 25.35; 26.5; Pv 3.10; 19.17; 11.24-25; 22.9; 28.27; Is 58.10; Fp 4.19; Mt 6.4; 19.21; Sl 41.1; Jr 22.16); c) enviados (3Jo 6-8); d) os que recolhem o maná (provisão sobrenatural). Por que Deus não coloca em nossas mãos todo o dinheiro que precisamos para a sua obra? Sua maior preocupação é restaurar nosso relacionamento com ele e com os outros. Depender da contribuição dos outros cria vínculos (no doador) e quebranta o receptor. Um missionário deve arranjar 30 pessoas que se responsabilizem cada uma pelas despesas de um dia seu na obra do Senhor. Foi assim (por pessoas) que Jesus foi sustentado. Os que sustentam devem ter o cuidado de não tentar controlar os servos sustentados. Há alguns princípios para o levantamento de fundo: a) as ofertas são santas e consagradas a Deus; b) quem lida com estas ofertas é responsável por fazê-lo corretamente (2Co 8.20-21).

9. Viver pela fé num contexto secular: não há dicotomia entre o espiritual e o secular. Deus tem um chamado para cada um em sua profissão, por isso devemos nos empenhar no que fazemos, agindo com integridade e com atitude de servir. Não podemos nos esquecer do dia de descanso. Também não podemos esquecer que toda a riqueza vem de Deus (Dt 8.17-18; Sl 62.10). Deus nos abençoa com riquezas para abençoarmos os outros e investirmos em Seu reino (como R. G. Le-Tourneau, que entregava 90% do que ganhava a Deus). Somos missionários dentro de nossas profissões, estabelecendo o senhorio de Jesus sobre a terra.

10. Como contribuir: A) para manter o equilíbrio entre agir corretamente e ter um coração sensível aos outros, é preciso da orientação de Deus. Devemos lhe perguntar se devemos dar e quanto. B) Abrir mão dos nossos direitos sobre o dinheiro dado. C) Verificar como a contribuição

foi empregada. D) Não ignorar as necessidades daquele que estão distantes de nós. E) Ser exemplo (como líder) ao ofertar (1Cr 29). Os métodos de Deus são variados. A prática da contribuição será inovadora, empolgante e generosa.

11. Sustento não convencional: o denominador comum de todas as experiências de provisão de Deus é a obediência à sua vontade. Antes de tomar decisões, precisamos verificar: a) se é mesmo Deus quem está nos dando a ordem. Devemos resistir ao diabo e suas sugestões (Tg 4.7) e levar os nossos pensamentos cativos à obediência de Cristo (2Co 10.5). Sempre que Deus nos fala algo, ele a confirma (por circunstâncias, pela palavra de outros, por sinais). B) De quanto vamos precisar? C) O que temos em mãos? D) Devemos contar a outros da necessidade de dinheiro? E) Por onde devemos começar? A fé não é passiva, temos que romper a inércia. Não devemos limitar a provisão divina. Quando Deus provê algo, ele aguarda que façamos nossa parte (e de todo o coração). Ele quer que façamos grandes coisas para ele.

12. Como solicitar contribuições: não apelar para sentimento de culpa, piedade, ganância, medo ou orgulho. O apelo correto começa mantendo a perspectiva certa: amar as pessoas e usar o dinheiro. Qualquer comunicação deve visar aproximação das pessoas de Deus e de nós mesmos. Devemos pedir orientação ao Senhor sobre a quem pedir contribuição e o que dizer, mesmo via terceiros ou a não-crentes. É importante salientar no apelo que o doador contribua em obediência à orientação que receber do Senhor.

13. A posse de riquezas: Deus estabelece um limite para nossas riquezas? Ele deseja que nos ajustemos tanto à pobreza como à riqueza (Fp 4.12-13). Viver em abundância é mais difícil do que passar dificuldades, pois é mais fácil ouvir a voz de Deus quando nos falta o que comer do que quando temos tudo. A posse de riquezas traz riscos (Pv 30.8-9). Qual é o ponto de equilíbrio? Três fatores o determinam: nosso caráter (até onde Deus pode confiar em nós para nos dar bens?), nosso ambiente de vida e nossa missão. Deus sabe exatamente de quanto precisamos para desempenhar nossa missão. Como saber se estamos vivendo de modo muito luxuoso? A) não devemos viver num nível muito superior ou inferior ao do povo com quem trabalhamos; b) guardemo-nos contra a ganância (1Pe 5.2-3); c) resistamos à inveja, nos contentando com o que temos; d) honremos continuamente ao Senhor com nossos bens, conforme ele orientar.

14. Quando as coisas não saem como esperamos: quando Deus não está suprimindo nossas necessidades devemos avaliar: A) estamos amando mais ao dinheiro do que a Deus? b) estamos realizando a vontade de Deus? c) temos alguma dívida? (Rm 13.8) d) temos dizimado? e) temos sido generosos? (2Co 9.6) f) somos gratos ao Senhor pela sua provisão? g) somos fiéis no pouco? (Zc 4.10; Mt 25); h) deixamos de obedecer a alguma ordem do Senhor? i) já pedimos a Deus para suprir nossas necessidades? j) já aprendemos o que Deus quer nos ensinar neste momento? k) há pecado no “arraial”? (Js 7) l) é colheita de pecados do passado ou de decisões erradas? Se é, peça a alguém para fazer uma oração intercessória; m) temos sido diligentes no trabalho? (Pv 28.19; 23.21; 2Ts 3.10); n) estamos usurpando a glória de Deus? o) estamos alimentando um espírito de independência e orgulho? p) estamos confiando mais em pessoas do que em Deus? q) temos medo do futuro? (Mt 6.34).

15. Quando se esgotam os recursos: um bom pai supre as necessidades de seus filhos. Quando está nos faltando dinheiro, oremos pedindo que o Pai nos revele o que está causando esta dificuldade. Deus também pode estar nos provando para ver se permaneceremos fiéis a ele em meio a esta dificuldade. O seu cronograma é diferente do nosso. Enquanto aguardamos sua providência, é bom recordarmos o que ele já fez no passado por nós. Não devemos culpar os outros pela nossa situação nem ficar nos comparando com outros. Deus também permite que passemos por períodos de escassez para aguçar nossa compreensão e compaixão pelos verdadeiros necessitados, além de demonstrar nossas reais necessidades (e não o que pensamos precisar) e nos levar a depender mais dele.